

EXCELÊNCIA *VERSUS* DIMINUIÇÃO DO ORÇAMENTO: A VISÃO INSTITUCIONAL DE UNIVERSIDADES PÚBLICAS SOBRE O DESEMPENHO EM RANKINGS ACADÊMICOS INTERNACIONAIS

Lukelly Fernanda Amaral Gonçalves*, Paola Matos da Hora**
Luciana da Silva Castro***

RESUMO

A literatura da área sobre *ranking* internacional acadêmico destaca metodologias empregadas, indicadores utilizados e resultados alcançados, revelando a necessidade de se investigar como as universidades ranqueadas se veem nesse processo. Desse modo, o presente artigo averigua o posicionamento institucional de universidades frente ao desempenho em *rankings* internacionais de prestígio, a saber: o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), o *Q&S World University Rankings* (QS) e o *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings The Top 200 World Universities* (THE). Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa que se vale da análise de conteúdo para perceber a voz institucional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre o destaque nacional delas nesses *rankings*. Analisam-se, dentro do recorte temporal de publicação de 2017, 2018 e 2019, os relatórios de autoavaliação institucional e as notícias contendo a palavra “ranking” publicadas no *site* das instituições. Esta pesquisa conclui por um olhar crítico, e até mesmo estratégico, das instituições a respeito dos resultados. Questões metodológicas ou desvantagens não são citadas; no lugar disso, notam-se universidades que reafirmam sua excelência por meio dos *rankings* internacionais e veem a manutenção e melhora do desempenho como algo diretamente relacionado ao aumento do orçamento destinado à educação superior pública do Brasil.

Palavras-chave: Ranking acadêmico internacional. Qualidade da educação superior. UFRJ. UFRGS. UFSC.

* Mestra em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Gerente de Avaliação das Aprendizagens da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Pesquisadora da área de Avaliação em Larga Escala da Educação Básica e Superior. ORCID: 0000-0002-0220-1872. Correio eletrônico: lukellyf@hotmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora-tecnologista em Informações e Avaliações Educacionais do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP). ORCID: 0000-0002-9455-2310. Correio eletrônico: paollamatos@gmail.com

*** Mestra em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisadora da área de Avaliação da Educação Superior. ORCID: 0000-0002-1862-8205. Correio eletrônico: lucianacastro.silva04@gmail.com

EXCELLENCE VERSUS BUDGET REDUCTION: INSTITUTIONAL VIEW OF PUBLIC UNIVERSITIES ON PERFORMANCE IN INTERNATIONAL ACADEMIC RANKINGS

ABSTRACT

The literature on international academic ranking highlights methodologies and indicators used, as well as results achieved, revealing the need to investigate how the universities in the ranking are presented in this process. Thus, this article investigates the institutional positioning of the universities in relation to the performance in prestigious international rankings, namely: Academic Ranking of World Universities (ARWU), Q&S World University Rankings (QS) and Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings The Top 200 World Universities (THE). This is a qualitative research that is based on content analysis to understand the institutional voice of the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and the Federal University of Santa Catarina (UFSC) about their national prominence in these rankings. Analysing, within the time frame of publication of 2017, 2018 and 2019, the institutional self-assessment reports and the news containing the word “ranking” published on the institutions’ website, this research concludes with a critical and even strategic view of the institutions regarding the results. Methodological issues or disadvantages are not mentioned; and instead, it is noted that the universities reaffirm their excellence through international rankings and see maintenance and improvement of performance as something directly related to the increase in the budget destined for public higher education in Brazil.

Keywords: *International academic ranking. Quality of higher education. UFRJ. UFRGS. UFSC.*

EXCELENCIA VERSUS DISMINUCIÓN DEL PRESUPUESTO: LA OPINIÓN INSTITUCIONAL DE LAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS SOBRE EL DESEMPEÑO EN LAS CLASIFICACIONES ACADÉMICAS INTERNACIONALES

RESUMEN

La literatura del área sobre ranking académico internacional destaca las metodologías empleadas, los indicadores utilizados y los resultados obtenidos, revelando la necesidad de investigar cómo se ven las universidades clasificadas en este proceso. De esta manera, el presente artículo investiga el posicionamiento institucional de universidades frente al desempeño en rankings internacionales de prestigio, a saber: Academic Ranking of World Universities (ARWU), Q&S World University Rankings (QS) y Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings The Top 200 World Universities (THE). Se trata de una investigación de naturaleza cualitativa que se vale del análisis de contenido para percibir la voz institucional de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (UFRJ), la

Universidad Federal de Río Grande del Sur (UFRGS) y la Universidad Federal de Santa Catarina (UFSC) sobre el relieve nacional de esas universidades en esos rankings. Analizando, en el plazo de publicación de 2017, 2018 y 2019, los informes de autoevaluación institucional y las noticias que contienen la palabra “ranking” publicadas en el sitio web de las instituciones, esta investigación concluye con una visión crítica e incluso estratégica de las instituciones en resultados. Analizando, dentro de la delimitación temporal de publicación de 2017, 2018 y 2019, los informes de autoevaluación institucional y las noticias que contienen la palabra “ranking” publicados en el sitio web de las instituciones, esta investigación concluye con una visión crítica e incluso estratégica de las instituciones con respecto a los resultados. No se citan cuestiones metodológicas o desventajas; en cambio, se notan universidades que reafirman su excelencia por medio de rankings internacionales y ven el mantenimiento y mejora del desempeño como algo directamente relacionado con el aumento del presupuesto destinado a la educación superior pública de Brasil.

Palabras clave: *Ranking académico internacional. Calidad de la educación superior. UFRJ. UFRGS. UFSC.*

1 INTRODUÇÃO

Qualidade em educação é um conceito polissêmico. Porém, os diversos olhares avaliativos que as Instituições de Educação Superior (IES) recebem são sempre justificados pelo foco na verificação e indução da qualidade. Na prática, então, os resultados de uma avaliação refletem quão próxima a instituição está daquele recorte conceitual de qualidade determinado pelo responsável pela avaliação, ou seja, pelo Estado ou outra instituição.

Existe, nesse contexto, uma tensão entre as especificidades e demandas educacionais de cada instituição e a necessidade pungente de se adequar a um determinado padrão, o que fica ainda mais díspar quando o modelo a ser seguido é o dos *rankings* acadêmicos internacionais. Estes, ao avaliarem a qualidade com base em seus critérios próprios, fortalecem um ideal de universidade de classe mundial, o que está bem distante da realidade latino-americana. Quando comparamos, por meio dos *rankings*, instituições brasileiras a instituições norte-americanas ou europeias, por exemplo, não estamos colocando dois universos para demonstrarem em que se destacam, senão exigindo das instituições do Brasil um padrão próprio de outra realidade, de outra cultura, e endossando a diferenciação.

Antagonicamente, o natural no Brasil vem sendo o aumento constante de visibilidade e publicização dos *rankings*. É cada vez mais comum encontrarmos faixas expostas com os resultados nos *campi* universitários, chamadas nas redes sociais da instituição e alusão aos resultados em notícias publicadas pela própria universidade e nos relatórios de autoavaliação que elas produzem. O problema de pesquisa, diante desse panorama, é justamente que, apesar da existência de uma tensão entre a realidade e concepção de qualidade de cada país e a necessidade de adequação da educação superior a tendências globais norte hegemônicas, a cultura do ranqueamento cresce sem ressalvas nas comunidades acadêmicas.

Não obstante, não temos literatura para responder a esta problemática. Apesar de *ranking* ser algo em evidência no cenário acadêmico internacional, é ainda pouco estudado no País ou abordado de forma incipiente (LAUS; MAGRO, 2013; LOURENÇO; CALDERÓN, 2015). Valmorbidia, Ensslin, Ensslin e Ripoll-Feliu (2016, p. 11) mostram que, de 34 artigos encontrados nas bases de dados *Web of Science e Scopus* alinhados ao tema, a maioria preocupa-se “[...] em demonstrar a metodologia empregada, os indicadores utilizados, e os resultados (posicionamento) das instituições.” Carecemos, portanto, de trabalhos que busquem perscrutar a cultura do ranqueamento a partir da perspectiva das próprias IES ranqueadas.

Nesse sentido, o objetivo geral desta pesquisa visa averiguar o posicionamento institucional universitário frente aos resultados dos *rankings*, tomando como base três universidades brasileiras com maiores padrões de excelência nos três principais *rankings* acadêmicos mundiais. Como objetivos específicos, buscamos desvelar o olhar institucional sobre os *rankings* nos relatórios de autoavaliação e nas notícias publicadas pelas IES.

Os *rankings* acadêmicos mais bem conceituados no cenário mundial são o *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), o *Q&S World University Rankings* (QS) e o *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings The Top 200 World Universities* (THE). Por isso, foram verificadas as primeiras posições brasileiras segundo seus parâmetros para compormos o recorte empírico deste estudo. Assim, pautados na proximidade dos *scores* das primeiras colocadas, escolhemos as três primeiras IES que participam há pelo menos 3 anos da autoavaliação institucional do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes) e que publicaram na *web* seus relatórios de autoavaliação - documento-base da primeira fase de análise de conteúdo empreendida aqui. As instituições selecionadas foram a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na sequência da análise dos seus relatórios, verificamos ainda as notícias publicadas por elas sobre esses três *rankings*.

Esta pesquisa é um estudo qualitativo que se vale da Análise de Conteúdo de Bardin (2004). Para a autora, essa técnica tem como fundamento “[...] o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo).” (BARDIN, 2004, p. 40). A partir dessa perspectiva, analisamos os últimos três relatórios de Autoavaliação Institucional das instituições em questão, uma vez que esses relatórios, sendo elaborados por uma Comissão Própria de Avaliação (CPA), podem ser considerados a própria voz institucional, bem como analisamos as notícias sobre *ranking* propagadas pelo portal de notícias de cada IES.

Rankings “[...] como avaliadores de qualidade configuram-se como um campo a ser explorado [...]”, já diziam Valmorbidia, Ensslin, Ensslin e Ripoll-Feliu (2016, p. 25). Nesse contexto, o presente estudo soma-se à literatura sobre *rankings* da educação superior e pretende imprimir uma mirada inovadora sobre a temática, tendo em vista que o destaque é para a perspectiva das universidades públicas brasileiras, as quais, em virtude, sobretudo, da Emenda Constitucional n.º 95/2016, que instituiu o Novo Regime Fiscal, também conhecida como a EC do teto dos gastos públicos, vêm passando por um momento histórico delicado em relação às

suas contas, com novos desdobramentos a partir da gestão de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022).

2 OS RANKINGS INTERNACIONAIS NO CONTEXTO MUNDIAL DE GLOBALIZAÇÃO

Em um mundo globalizado, a produção científica e tecnológica das universidades vira objeto de desejo e um bem a ser aprimorado. A preocupação de todos é com “[...] a capacidade de continuar participando e se beneficiando de um mundo cada vez mais competitivo, e aonde o conhecimento joga um papel cada vez mais importante. Para isto, universidades de padrão e qualidade internacionais são consideradas essenciais.” (SCHWARTZMAN, 2006, p. 32).

O cenário universitário mundial, contudo, vem sendo construído há décadas sob o pressuposto de que o Estado não consegue ser o único provedor da educação superior e que a diferenciação entre as IES é inevitável. O modelo de compromisso social do Estado de bem-estar social cedeu lugar ao neoliberalismo ainda em meados da década de 1970, e a performatividade, como cultura de comparação e controle, foi uma boa saída para o Estado quando este optou por se afastar sem que houvesse perda de poder e queda de qualidade.

Ela [a performatividade] facilita o papel de monitoramento do Estado, “que governa a distância” – “governando sem governo”. Ela permite que o Estado se insira profundamente nas culturas, práticas e subjetividades das instituições do setor público e de seus trabalhadores, sem parecer fazê-lo. Ela (performatividade) muda o que ele “indica”, muda significados, produz novos perfis e garante o “alinhamento”. Ela objetifica e mercantiliza o trabalho do setor público, e o trabalho com conhecimento (knowledge-work) das instituições educativas transforma-se em “resultados”, “níveis de desempenho”, “formas de qualidade”. Os discursos da responsabilidade (accountability), da melhoria, da qualidade e da eficiência que circundam e acompanham essas objetivações tornam as práticas existentes frágeis e indefensáveis – a mudança torna-se inevitável e irresistível, mais particularmente quando os incentivos estão vinculados às medidas de desempenho. (BALL, 2004, p. 1116).

Assim, temos, via de regra, uma educação superior que deve ser de classe mundial e servir de diferenciação a não somente instituições, mas a países, alimentando a corrida das nações pelo poder. O Estado, nesse contexto, garante a qualidade, criando padrões a serem perseguidos pelas IES, sendo, ao mesmo tempo, o provedor das metas e o maior beneficiário quando estas são cumpridas. Complementarmente, por sua vez, às avaliações externas, surgiram, ainda, os rankings internacionais – não necessariamente promovidos pelo Estado, senão por um organismo internacional ou órgão interessado.

Conforme Righetti (2015), o primeiro *ranking* surgiu nos Estados Unidos, em 1983, pela revista U.S. News, em Washington D.C., com o intuito de orientar americanos e estrangeiros a escolherem sua universidade. Já em 1987, conforme a autora, a China seguia o mesmo caminho com o *ranking* nacional Wo Shulian. Pouco a pouco, o ranqueamento se converteu em uma tendência e passou-se a comparar um país com outro.

Mais recentemente, acompanhamos a expansão dos *rankings* internacionais que criam listagem comparativa de instituições de educação superior de vários países. O crescimento e a importância internacional desses *rankings* são tamanhos, que levou o Centro Europeu para a Educação Superior, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Cepes-Unesco), por meio de consultores *ad hoc* e entidades colaboradoras, como a *European University Association*, o *Institute for Higher Education Policy*, de Washington D.C., e o *Centrum für Hochschulentwicklung* (CHE), de Gründung, a criar o *International Ranking Expert Group* (IREG) (FAUSTO; CALERO-MEDINA; NOYONS, 2016). Em 2006, em Berlim, o Grupo instituiu 16 princípios orientadores para a produção de *rankings* internacionais, o que ficou conhecido como Princípios de Berlim sobre *Rankings* de Instituições de Educação Superior. Eles instruem, em suma, sobre objetivos e metas dos rankings; metodologia adotada: escolha e peso dos indicadores; coleta e processamento de informações; e apresentação dos resultados no *ranking*.

Os *rankings* internacionais mais tradicionais, famosos e respeitados são os seguintes: *Academic Ranking of World Universities* (ARWU), promovido pela *Shanghai Jiao Tong University* e publicado desde 2003; o *Q&S World University Rankings* (QS), produzido pela *Quacquarelli Symonds*, empresa britânica especializada em educação internacional; e *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities* (THE), promovido pela *Times Higher Education Supplement*, revista educacional, e publicado desde 2004, mas reconfigurado em 2010.

O ARWU, também conhecido como *Ranking* de Xangai, faz parte do esforço chinês para a excelência universitária e posicionamento internacional de suas universidades. O Projeto 985, que pretendia diminuir o fenômeno de “fuga dos cérebros”, investiu inicialmente em nove instituições universitárias e as comparou com universidades norte-americanas importantes do que resultou o estabelecimento dos critérios de excelência para ranquear as IES do mundo pelo ARWU. Este *ranking*, a partir exclusivamente de dados secundários, avalia e classifica cerca de mil e duzentas IES e publica anualmente a lista das quinhentas melhores universidades a partir de indicadores internacionalmente comparáveis, cada um com seu peso percentual, a saber: a) número de ex-alunos e de docentes/pesquisadores vencedores de prêmios Nobel e de medalhas Fields (10%); b) número de pesquisadores altamente citados em grandes revistas (20%); c) número de prêmios que a IES ganhou (20%); d) número de artigos publicados nos periódicos da *Nature* e da *Science* na última década (20%); e) número de artigos indexados ao *Science Citation Index* (SCIE) e *Expanded – Social Science Citation Index* (SSCI) (20%); e f) desempenho docente *per capita* (10%) (ACADEMIC RANKING OF WORLD UNIVERSITIES, 2018).

O QS, de 2004 a 2009, era publicado por uma sociedade entre a revista *Times Higher Education* e a empresa *Quacquarelli Symonds*. Em 2010, contudo, o trabalho conjunto foi finalizado, e a empresa em questão assumiu a responsabilidade, ficando com a metodologia já adotada, enquanto a revista criou uma nova metodologia, dando origem ao THE. O QS, com dados secundários e entrevistas com docentes e pesquisadores, avalia mais de quatro mil instituições, das quais mais de novecentas são ranqueadas com base nos seguintes indicadores e pesos: a) reputação acadêmica segundo um *peer review* global (40%); b) reputação se-

gundo empregadores globais (10%); c) proporção de estudantes por faculdade (20%); d) citações por faculdade na base Scopus (20%); e) proporção de estudantes internacionais (5%); e f) proporção de docentes internacionais (5%). Destaque especial nesse *ranking* se dá para o fato de ele, além de promover o ranqueamento mundial, também gerar dados mais específicos, como por região ou curso (QS WORLD UNIVERSITY RANKINGS, 2018).

Finalmente, o THE, fundado em 2004, mas publicado sem a Q&S a partir de 2010, faz o ranqueamento de mais de mil IES por meio de dados secundários e informações solicitadas. Ele possui mais indicadores que os demais (13) e os agrupa em cinco grandes áreas, com seus respectivos pesos: a) ensino ou ambiente de aprendizagem (30%), sendo 15% referentes à pesquisa de reputação, 4,5% referentes à proporção de funcionário por estudante, 2,25% referentes à proporção de doutorando por bacharel, 6% referentes à proporção de títulos de doutor concedidos por docente e 2,25% referentes ao orçamento da instituição; b) pesquisa (volume, orçamento e reputação) (30%), sendo 18% relativos à pesquisa de reputação, 6% relativos ao orçamento para pesquisa e 6% relativos à produtividade de pesquisa; c) citações (influência da pesquisa) (30%); d) perspectiva internacional (docentes, estudantes e pesquisadores estrangeiros e colaboração internacional) (7,5%), sendo 2,5% pertencentes à proporção de estudantes estrangeiros por estudantes domésticos, 2,5% pertencentes à proporção de estudantes estrangeiros por funcionários domésticos e 2,5% pertencentes à colaboração internacional; e e) orçamento da indústria (transferência de conhecimento) (2,5%). Assim como o QS, o THE também faz *rankings* específicos, como o dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul) e economias emergentes, o da América Latina e outros (TIMES HIGHER EDUCATION, 2018).

Esses *rankings*, ainda que jovens, têm influência tanto em um nível individual, auxiliando na escolha de alunos e famílias por uma instituição, como em grupos, sendo fonte de consulta de agências financiadoras nacionais e internacionais; promovem concorrência entre IES; estimulam a evolução dos centros de referência; servem de incentivo a docentes e pesquisadores; fornecem subsídios e orientações para ações ou políticas institucionais; promovem a visibilidade internacional de países, etc. (FINARDI; GUIMARÃES, 2017; LAUS; MAGRO, 2013; SADLAK, 2006; TAVARES; PAES, 2016). “Curiosa é sua influência em premiações e remunerações. Por exemplo, em 2008, a Universidade de São Paulo instituiu o Prêmio de Excelência Institucional na forma de bônus pago a professores e funcionários baseado em indicadores de desempenho da Universidade.” (BARREYRO, 2018, p. 13).

Nota-se que a universidade, na atualidade, é um destino e, ao mesmo tempo, uma engrenagem da globalização e internacionalização, o que fica ainda mais visível com a força dos *rankings* e seus indicadores. É que, na era da sociedade da informação, a riqueza está justamente no conhecimento, sendo, pois, as IES e o que elas produzem fontes de riqueza e poder, além de uma forma de uma nação ganhar espaço na indústria do conhecimento, ainda que, conforme Vavrus e Pekol (2015), países do Norte se beneficiem mais da globalização e da internacionalização da educação superior do que países do Sul.

O cobijado *status* de “universidade classe mundial”, porém, não é algo facilmente alcançável. Estas instituições, como mostra Schwartzman (2006), são aquelas que desenvolvem ciência, tecnologia, cultura, formação geral, conheci-

mento e visão de mundo; que formam grandes profissionais em cada área; que servem como elo de comunicação entre o país e o mundo, sendo referência para outras IES; e que, complementarmente, para Vieira e Lima (2016), são instituições cujo ambiente é competitivo.

Em nenhum país do mundo, nem mesmo em países ricos e socialmente homogêneos, como os países escandinavos ou a Alemanha, é possível imaginar que todas as instituições universitárias teriam este padrão. No entanto, algumas podem aspirar a isto, e poderiam ser estimuladas a se desenvolver e crescer em termos de qualidade e competência. (SCHWARTZMAN, 2006, p. 34).

Os *rankings* internacionais, nesse contexto, são o caminho para a diferenciação e competitividade, mesmo no Brasil, onde as instituições não aparecem entre as primeiras. Resta relativizar, porém, algumas questões quando tratamos de *rankings* mundiais: a) os critérios que acabam por beneficiar países do Norte e aqueles que têm o inglês pelo menos como segunda língua (FINARDI; GUIMARÃES, 2017); b) a capacidade que os *rankings* têm para mensurar a qualidade educacional (LEAL; STALLIVIERI; MORAES, 2018); e c) o grau de contribuição para a gestão universitária e geração de informações promotoras de aprendizagem organizacional (VALMORBIDA; ENSSLIN; ENSSLIN; RIPOLL-FELIU, 2016).

3 A CULTURA DO RANQUEAMENTO NO BRASIL

A partir da década de 1990, o Brasil e demais países da América Latina deram início ao que hoje podemos chamar de cultura de avaliação da educação superior. Sem intervenção estatal direta, buscava-se, por meio de avaliações nacionais, controlar a qualidade da educação com a introdução “[...] de mecanismos de *accountability* baseados em testes estandardizados de alto impacto e em *rankings* escolares.” (AFONSO, 2013, p. 272).

O embrião da cultura avaliativa brasileira se encontra ainda na década de 1980, com as propostas Programa de Avaliação da Reforma Universitária (Paru) e Grupo Executivo para a Reformulação do Ensino Superior (Geres). Mas foi em 1993 que políticas avaliativas foram postas efetivamente em prática. No ano em questão, foi inaugurado o Programa de Avaliação Institucional das Universidades Brasileiras (Paiub). Em 1996, quando do governo de Fernando Henrique Cardoso (FHC), surgiu o sistema avaliativo Exame Nacional de Cursos (ENC). Bastante distinto do Paiub, o ENC, também chamado de “Provão”, transferia práticas do mercado, como ranqueamento e competitividade, às IES; não levava em conta a autoavaliação; e tinha como foco o desempenho dos estudantes.

Na sequência, em 2004, quando do governo de Luís Inácio Lula na Silva, é inaugurado o sistema avaliativo que está em vigor até hoje: o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior (Sinaes). Formado por três eixos - a) a Avaliação dos Cursos de Graduação (ACG), b) a Avaliação do Desempenho dos Estudantes (Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade), e c) a Avaliação das Instituições da Educação Superior (Avalies) (autoavaliação e avaliação externa) -, esse sistema vem com uma proposta que pretende romper com toda avaliação ou projeto de avaliação anterior, afastando-se de qualquer prática controladora ou

diferenciadora, por exemplo. Assim, o Sinaes não se diz controlador, mas emancipador; não propõe foco na avaliação do estudante, mas na da instituição, com destaque para a autoavaliação; e, por fim, não apresenta uma avaliação isolada, mas um sistema, interligado e dialógico. Na prática, porém, o tempo mostrou que pouco disso acontece.

Desde o início, a autoavaliação institucional no contexto do Sinaes foi negligenciada e as notas dos estudantes no Enade supervalorizadas. Em 2008, com a reedição da Portaria n.º 40 no ano anterior, dois novos indicadores foram inseridos no contexto do Enade: o Índice Geral de Cursos (IGC) e o Conceito Preliminar de Curso (CPC). O IGC é composto pelas médias ponderadas dos CPCs e das notas que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) atribui aos programas de pós-graduação das instituições de educação superior avaliadas; e seu resultado é amplamente divulgado, sendo feito, a partir dele, *rankings* das IES. O Conceito Preliminar de Curso, por sua vez, é um indicador de qualidade que combina, em uma única medida, diferentes aspectos relacionados aos cursos de graduação. Ele é constituído de oito componentes, agrupados em quatro dimensões que se destinam a avaliar a qualidade dos cursos de graduação; e seu resultado serve, dentre outras considerações, à possível dispensa da avaliação *in loco* realizada em virtude da Avaliação de Cursos.

Em suma, a própria existência dos índices no escopo do Enade, somados ao destaque deste e à situação coadjuvante dos outros eixos da política avaliativa, demonstram muito sobre as bases nas quais se constrói avaliação em larga escala no País. Ainda que não se dê o nome de *ranking* a certas práticas, ao se reduzir a política avaliativa em conceitos numéricos que subsidiam a elaboração de listas comparativas por parte da mídia, está-se ranqueando. Afinal, o ato de ranquear faz parte da própria natureza do funcionamento do mundo contemporâneo, como relata Sadlak (2006), não sendo diferente no País.

It should be seen as part of the very nature of the way the contemporary world functions (it can be perceived as an impact of globalization) and the role of the modern higher education enterprise. The latter is characterized by such trends as an increase in the number of students, increase in the number and type of higher education institutions, global competition for talent (both for graduate students as well as researchers), high cost of the top levels of research, and importance of knowledge-derived technological innovation. (SADLAK, 2006)¹.

Nota-se que, com o ENC e com a inclusão dos indicadores CPC e IGC no Sinaes, conforme Calderón e Lourenço (2017), no Brasil a cultura da diferenciação, competitividade e valorização de *scores* já existe há muito. Mesmo rechaçando-se muitas vezes os *rankings*, seu *modus operandi* está em andamento. O ranqueamento já é uma realidade no País. Prova disso é a coexistência dos *rankings* oficiais, sejam nacionais, sejam internacionais. Nacionalmente, temos o *Ranking*

¹ Isso deve ser visto como parte da própria natureza do funcionamento do mundo contemporâneo (pode ser percebido como um impacto da globalização) e do papel da empresa moderna de educação superior. A última é caracterizada por tendências como um aumento no número de estudantes, aumento no número e no tipo de instituições de educação superior, competição global de talentos (tanto para estudantes de pós-graduação assim como para pesquisadores), alto custo dos principais níveis de pesquisa e importância da inovação tecnológica derivada do conhecimento. (SADLAK, 2006, tradução nossa).

Universitário Folha, produzido pela Folha de São Paulo desde 2012. Anualmente, todas as universidades brasileiras são avaliadas por ele no que tange à pesquisa, ensino, mercado, internacionalização e inovação por meio de coleta de dados no Censo da Educação Superior, Enade, Datafolha, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Web of Science, Scielo e Fundações Estaduais de Fomento a Ciência. Internacionalmente, como dito na introdução, os *rankings* de mais prestígio são o ARWU, o QS e o THE, cujos resultados são amplamente difundidos no País.

Tomando como base a última apuração de cada *ranking* internacional supracitado, temos que a colocação dos três primeiros lugares brasileiros apresenta, apesar dos indicadores ou pesos não serem os mesmos, IES repetidas no destaque de excelência. No ARWU (2020), a USP está na posição 101-150, a UFRJ e a Unesp estão entre 301-400, a UFMG e a UFRGS estão entre 401-500. No QS (2019), a USP está em 116, a Unicamp em 214, a UFRJ em 358. No THE (2020), a USP está entre 251-300, a Unicamp entre 501-600, e a UFMG, a UFRGS, a UFSC e a Unifesp estão entre 601-800.

Apesar de chamar atenção a disparidade que é comparar instituições seculares da Europa e Estados Unidos e instituições localizadas em países em desenvolvimento, como o Brasil, em que a educação superior ainda está em expansão (TAVARES; PAES, 2016), averiguar o posicionamento institucional das IES brasileiras que chegam a aparecer nos *rankings* frente aos resultados destes é muito importante para a discussão dos *rankings* internacionais no contexto da globalização. A voz institucional das três selecionadas para este estudo - UFRJ, UFRGS e UFSC - estará em destaque no tópico seguinte.

4 OS RANKINGS INTERNACIONAIS SOB O OLHAR DA UFRJ, UFRGS E UFSC

Tendo como base os três últimos relatórios de avaliação institucional da UFRJ, UFRGS e UFSC e notícias sobre o desempenho nos *rankings* publicadas pelas próprias instituições no triênio 2017, 2018 e 2019, identificamos os comentários das IES sobre os *rankings* e, a partir disso, averiguamos os posicionamentos em relação aos resultados.

4.1 Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

No relatório referente ao ano de 2016, a UFRJ demonstra um posicionamento crítico em relação ao ranqueamento quando o relaciona aos indicadores do Sinaes: “[...] [o] grande número de índices criados no bojo do SINAES [...] favorece a redução da avaliação a um conjunto de indicadores numéricos que permite criar um ranking para instituições e cursos, a despeito de sua diversidade.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017, p. 13). Não obstante, mais adiante, vale-se da alusão aos *rankings* internacionais para se afirmar como uma das melhores universidades do País:

[...] [o] Sistema acadêmico adotado pela UFRJ apresenta determinados aspectos que a transformam em uma das maiores universidades brasi-

leiras no ensino, dada a quantidade e a qualidade dos cursos oferecidos em diversas áreas do conhecimento, sendo facilmente comprovado pelas seguidas avaliações por parte do MEC/INEP, assim como de outros organismos como CAPES, QS World University Rankings, entre outros. Os resultados comprovam que grande parte dos cursos de graduação apresentam índices qualitativos significativos. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2017, p. 40).

No relatório do ano base de 2017, a instituição volta a fazer a mesma citação acima em outra parte do texto e chama atenção para a Escola Politécnica da UFRJ, dando bastante credibilidade às classificações dos *rankings*:

[...] [s]ituada entre as melhores universidades públicas do Brasil, a Escola Politécnica da UFRJ (POLI) tem sua trajetória intimamente ligada ao desenvolvimento científico, cultural e tecnológico do Brasil, sendo classificada como uma das melhores instituições de engenharia em vários rankings nacionais e internacionais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2018, p. 48).

Por fim, no relatório do ano base de 2018, relatando sobre o Instituto COPPED de Administração da UFRJ, o relatório destaca o processo de internacionalização e a busca da própria instituição pelo reconhecimento internacional.

Uma decisão significativa para a escola foi a de iniciar seu processo de internacionalização. O primeiro passo dado neste sentido foi o de firmar acordos de intercâmbio de alunos e professores com escolas de primeira linha na Europa, Estados Unidos, Canadá e América Latina. Posteriormente, o COPPEAD buscou o reconhecimento internacional, passando a participar de prestigiosos rankings mundiais. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, 2019, p. 101).

Nota-se que a instituição se vale dos seus resultados nos *rankings* para reafirmar nos relatórios seu destaque e diferencial, mesmo sem explicitar sua posição na colocação. Ademais, notícia publicada em agosto de 2019 indica a criação da Coordenação de Avaliação Institucional, que terá, entre suas atribuições, o acompanhamento dos *rankings* universitários, o que demonstra a importância despendida ao ranqueamento.

Passando à análise das notícias publicadas no *site* da instituição, percebe-se, no triênio em questão, o destaque para a posição de liderança da UFRJ entre as universidades do Brasil e da América Latina. Ademais, é marcante a relação feita entre posição em *ranking* e orçamento, como mostrado nos destaques a seguir.

Não existe falência da UFRJ e, seguramente, da Uerj. No mês passado, a Universidade Federal do Rio de Janeiro foi apontada pelo ranking de Xangai como a melhor universidade federal do Brasil. [...]
A UFRJ é uma instituição *capaz de assegurar um padrão de qualidade* conforme todos os melhores indicadores, além de ser referência no país, *mesmo com os brutais cortes orçamentários sofridos* nos últimos quatro anos, o que levou a instituição a operar em déficit. Em 2014, o orçamento da UFRJ era de R\$ 434 milhões; neste ano, foi de R\$ 388 milhões. (CONEXÃO UFRJ, 2018b, p. 1, grifo nosso).

A permanência estável da UFRJ no ranking mundial, mesmo com os cortes orçamentários das universidades públicas, suscita reflexões. Leila Rodrigues, pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, preocupa-se com os efeitos da emenda constitucional 95, que prevê redução dos investimentos para educação e saúde.

“Será preciso reverter esse quadro para que a UFRJ e as demais universidades públicas continuem figurando entre as mais bem avaliadas do mundo. Esperamos que, nos próximos anos, a UFRJ possa continuar contribuindo para o desenvolvimento econômico e social do Brasil, com pesquisas e formação de pessoal altamente qualificado”, avaliou a pró-reitora. (CONEXÃO UFRJ, 2018a, p. 1, grifo nosso).

Na avaliação da pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa da UFRJ, Leila Rodrigues da Silva, a performance da Universidade é fruto de muito trabalho. “Os resultados apresentados pelos rankings recentemente publicados expressam nossa excelência em todas as áreas do conhecimento, conquistada ao longo de décadas dedicadas à pesquisa, ao ensino e à extensão”, afirmou.

Para Silva, entretanto, a perda de algumas posições em dois dos três rankings pode ter explicação. “Cabe registrar que, não obstante tenhamos nos mantido entre as melhores instituições do mundo, da América Latina e do país, os desdobramentos dos cortes e contingenciamentos a que temos sido submetidos, especialmente nos dois últimos anos, já se fazem sentir. Este fenômeno não afeta apenas nossa instituição e preocupa sobremaneira, já que tem colocado em risco a continuidade de pesquisas e o cumprimento da função social de universidades públicas de todo o país”, completou. (CONEXÃO UFRJ, 2019, p. 1, grifo nosso).

A UFRJ é enfática ao argumentar que a melhora, ou mesmo a manutenção, da instituição nos *rankings* internacionais tem relação direta com o orçamento. Nos relatórios de autoavaliação, é percebido o orgulho da instituição no que tange a seu destaque internacional. Já nas notícias, vê-se tanto que a IES vem se mobilizando para alimentar os dados requeridos pelos *rankings*, como vem prevenindo uma possível queda de posicionamento justificada pela diminuição no orçamento.

4.2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

No relatório do ano base de 2016 da UFRGS, por sua vez, é mostrado que há um Departamento de Avaliação na instituição e que se criará um Grupo de Trabalho para distribuição dos dados aos *rankings*. O Departamento em questão

[...] realizou o acompanhamento e tabulação de rankings nacionais e internacionais. Vale destacar que foram encontradas algumas dificuldades no que diz respeito à obtenção de dados para fornecimento aos rankings internacionais. Em alguns casos, por questões de prazo ou de indisponibilidade de informações, indicadores não puderam ser informados, comprometendo a posição da universidade. Para sanar este problema, nesta nova gestão da Reitoria está sendo criada uma comissão especial para tratar da participação da UFRGS em rankings. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2017, p. 23).

No relatório do ano base de 2017, nota-se que não foi instituída a referida comissão, mas que a preocupação com o posicionamento nos *rankings* persistia:

[...] [a] fragilidade quanto à coleta e fornecimento de dados para rankings continua, pois a busca de criação de um Grupo de Trabalho intersetorial, que possa manter um banco de dados permanente, para fornecer informações atualizadas para os rankings ainda está em fase de consolidação. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 20).

Já no relatório do ano base de 2018, a instituição consolida o aperfeiçoamento da metodologia de coleta e prestação de informações aos rankings.

A CPA criou, através da Decisão nº 07/2017, o GT Rankings, com o objetivo de ampliar a discussão em torno dos rankings internacionais dos quais a UFRGS participa e melhorar os 28 processos internos de fornecimento, gestão e discussão dos resultados. Em paralelo a isso a SAI continuou realizando análises de resultados dos rankings nacionais e internacionais divulgados ao longo do ano. Essas análises contemplaram a comparação com edições anteriores e outras universidades, evolução da UFRGS ao longo do tempo e identificação de indicadores críticos para a melhoria do posicionamento em futuras edições dos rankings. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, 2019, p. 27-28).

Vê-se, portanto, a importância que a instituição dá ao ranqueamento internacional e todo o processo de mobilização dela para estruturar melhor a passagem de informações aos *rankings*. A formação do GT foi inclusive noticiada no seu *site*. Na ocasião de cerimônia de abertura dos trabalhos, a vice-reitora Jane Tutikian

[...] destacou que *a Universidade não tem como ignorar o ranqueamento em uma época em que tudo é mensurável*. [José Luis Duarte] Ribeiro [um dos integrantes do grupo] apontou que é necessária muita organização interna para que os números da UFRGS nos rankings sempre apareçam completos e fidedignos. “Cada ranking quer as informações num formato e num padrão diferente. Isso requer um esforço da Universidade em se organizar para gerenciar uma quantidade muito grande de indicadores”. (UFRGS NOTÍCIAS, 2019a, p. 1, grifo nosso).

Há, pois, uma preocupação metodológica da instituição e até mesmo um destaque para algo que pouco se discute: o formato e padrão dos dados requeridos em cada *ranking*. Ademais, percebe-se, nas notícias do triênio, uma valorização das áreas em que a IES mais se destaca nos *rankings*: reputação acadêmica e publicações, ao que se segue o mesmo senão da UFRJ: o orçamento, como se pode verificar nos destaques a seguir.

Na análise específica, a UFRGS cresceu nos índices de pesquisa, citações, convênio com indústria e comércio e perspectiva internacional. Segundo o reitor Rui Vicente Oppermann, *a UFRGS recebe com muita satisfação essa colocação no ranking, principalmente no momento em que as IFES [Instituições Federais de Ensino Superior] são cobradas por não promoverem inovação e tecnologia*. “O que vemos é que a avaliação

mostra o contrário e que as universidades, como a UFRGS, são importantes mecanismos de transferência de conhecimento para a sociedade”, afirma Oppermann. (UFRGS NOTÍCIAS, 2019c, p. 1, grifo nosso).

Nos itens avaliados pela consultoria [Times Higher Education (THE)], a UFRGS apresentou uma melhora nos indicadores pesquisa (de 14,1 para 18,3) e citações (de 40,5 para 49,3), em relação à avaliação anterior. Para o reitor Rui Vicente Oppermann, a UFRGS “recebe essa notícia com muita satisfação em meio à enorme crise pela qual estamos passando. *Essa posição é decorrência do trabalho de nossos professores, pesquisadores, técnicos e estudantes da graduação e da pós-graduação. Paradoxalmente, são eles que estão sendo atingidos pelas políticas restritivas do atual Governo*, que insiste em não reconhecer o valor que as universidades federais têm para o País”. (UFRGS NOTÍCIAS, 2019d, p. 1, grifo nosso).

O reitor Rui Oppermann avalia positivamente a posição da UFRGS entre as melhores no país e na América Latina. “Estamos em um lugar de prestígio, num ranking importante. É uma posição que reflete nossa estrutura de pesquisa. *O ranking indica crescimento de citações, o que significa que, apesar das restrições orçamentárias que a pesquisa e a tecnologia vêm sofrendo nos últimos anos, mantemos um trabalho de qualidade reconhecido pela comunidade internacional*”, aponta.

Um dos indicadores com redução nos últimos anos é a internacionalização. Para Oppermann, “*um índice de internacionalização pior se deve pela repercussão do fim do Ciência Sem Fronteiras (CsF)*, o que impacta nossa capacidade de enviar alunos e docentes para o exterior. Desse modo, nossa visibilidade externa também reduz”. Recentemente a UFRGS foi selecionada para o Programa Institucional de Internacionalização (CAPES-PRINT); segundo o reitor, essa pode ser uma alternativa para melhora nesse índice, mesmo que o programa não tenha o mesmo alcance do CsF. (UFRGS NOTÍCIAS, 2019b, p. 1, grifo nosso).

O reitor Rui Oppermann comemora a colocação no ranking, pois coloca a Universidade em lugar de destaque no Brasil e na América Latina. Segundo Oppermann, “a UFRGS está sendo reconhecida como um centro de excelência e inovação. Entre os cinco itens, *não fomos bem avaliados apenas no item internacionalização, isso se deve ao término do Ciência Sem Fronteiras*, programa no qual a Universidade era uma das instituições mais atuantes”. (UFRGS NOTÍCIAS, 2018, p. 1, grifo nosso).

A UFRGS mostra que é cobrada tal como ocorre com outras universidades públicas; que demonstra resultado por meio de desempenho em *rankings*; e que se mobiliza internamente para fornecer os dados necessários a estes. Porém, sua potencialidade esbarra no orçamento destinado a ela. Nos relatórios de autoavaliação, é notado o esforço institucional em corroborar a manutenção de indicadores. Nas notícias, vincula-se a crítica da instituição à contradição de se cobrar sem garantir melhorias. Acrescenta-se a isso o destaque dado ao efeito do fim de um programa de governo que tocava a internacionalização: o Ciências sem Fronteiras, cuja falta já se faz sentir nos resultados.

4.3 Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Finalmente, os relatórios de autoavaliação da UFSC do ano base de 2016 e do ano base de 2017 não fazem alusão a *rankings*. Só há um comentário no ano base

de 2018 no que tange às ações que a instituição vem tomando para “[...] divulgar oportunidades internacionais a alunos, docentes e TAEs [Técnico-Administrativos em Educação], fomentar ações de internacionalização, despertar interesse, dar visibilidade à UFSC, estreitar e criar novos laços com parceiros internacionais.” (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019, p. 74). Para tanto, a IES diz, entre outras questões, que alimentou a plataforma de recolhimento de dados dos *rankings* internacionais. Não foi dado, portanto, destaque aos *rankings* nos relatórios de avaliação averiguados.

Analisando, por sua vez, as notícias da UFSC com destaque para os *rankings*, tema que aparece em menor quantidade comparativamente às outras duas instituições em foco, a questão do orçamento volta a aparecer como empecilho para a manutenção da IES nos *rankings* e, claro, para o aperfeiçoamento de suas ações.

Para o reitor Ubaldo César Balthazar, *a continuidade da UFSC no ranking [THE] reflete o esforço da comunidade acadêmica nas ações de internacionalização, além da imensa dedicação à pesquisa, ensino e extensão, mesmo em um contexto de escassez de recursos*. “Espero que esse esforço seja considerado e que a importância da ciência e da educação para o desenvolvimento da sociedade e do país sejam cada vez mais valorizados, cessando assim os contínuos cortes de orçamento destinados às universidades públicas brasileiras”. (NOTÍCIAS DA UFSC, 2018, p. 1, grifo nosso).

A coleta de dados ocorreu em março deste ano [2018], mas foram apuradas as informações referentes a 2017. Portanto, *o resultado não considera os cortes de recursos pelos quais passam as universidades federais, uma vez que o bloqueio de parte do orçamento foi efetuado no fim de abril*. (NOTÍCIAS DA UFSC, 2019a, p. 1, grifo nosso).

Para o secretário de Relações Internacionais da UFSC, Lincoln Fernandes, *o resultado [no THE] é uma conquista importante, principalmente no momento que a instituição vive*. “Dentro de um contexto em que as universidades federais brasileiras atravessam um período de dificuldade, uma notícia como esta mostra a relevância da Universidade Federal de Santa Catarina na produção do conhecimento e da tecnologia, assim como no desenvolvimento da sociedade local, nacional e também internacional”, avalia. (NOTÍCIAS DA UFSC, 2019b, p. 1, grifo nosso).

Fazendo uma análise tão somente comparativa e com base em quantidade, poderia ser dito que a UFSC não dá tanta ênfase aos *rankings*. Porém, mesmo que, nos relatórios de autoavaliação, a alusão a isso seja ínfima, as notícias, mesmo poucas, são tão enfáticas em relação a orçamento quanto as demais instituições. A UFSC associa sua permanência nos *rankings* ao esforço da comunidade acadêmica, e não ao apoio governamental. O governo, por sua vez, é associado diretamente ao período de dificuldade pelo qual as universidades públicas estão passando – constante nas notícias de todas as instituições *locus* deste estudo.

5 CONCLUSÃO

Os *rankings* acadêmicos internacionais colocam em evidência alguns aspectos tidos como relevantes para uma universidade de classe mundial e seguem uma lógica que não é local ou institucional, senão global, uma vez que é ditada

direta ou indiretamente por instituições que compõem a governança global da educação superior (DALE, 2010). A autonomia dos Estados Nacionais, ou, mais especificamente, das instituições de educação superior, pode estar, portanto, a médio e curto prazo em risco com a expansão dos *rankings*. Além disso, seus preceitos não são formativos e emancipatórios, mas promotores de competitividade e diferenciação. Talvez por isso, como mostram Lourenço e Calderón (2015, p. 190),

[...] existe um considerável volume de artigos científicos sobre os rankings na educação superior que, em termos epistemológicos, ancora-se no chamado paradigma do conflito, numa visão crítica e contraditória aos rankings como componente das políticas de avaliação da educação superior, advogando pela defesa de um paradigma emancipatório, distante de uma perspectiva classificatória, concorrencial e legitimadora de valores neoliberais.

Curioso é pensar que as reflexões provenientes desses artigos circulam exatamente nos ambientes universitários, não impedindo, no entanto, que os *rankings* se popularizem dentro e fora das universidades, sem grandes relativizações ou críticas. Nota-se, ao desvelarmos o olhar institucional sobre os *rankings* nos relatórios de autoavaliação publicados no triênio 2017, 2018 e 2019, referentes, respectivamente, a 2016, 2017, 2018, que as primeiras colocadas entre as universidades brasileiras nos *rankings* ARWU, QS e THE, no caso, a UFRJ, a UFRGS e a UFSC, são complacentes com o ranqueamento internacional. Mobilizam-se para garantir a fidedignidade dos resultados, oferecendo-lhes uma base de dados completa. Por meio do seu reajustar-se, demonstram estar dispostas a levar em consideração os resultados como *feedback*, mesmo porque querem claramente manter ou aumentar a posição.

Os relatórios analisados isoladamente poderiam gerar suposições de passividade das instituições em relação ao ranqueamento. Contudo, quando desvelamos o olhar institucional sobre os *rankings* nas notícias publicadas nos *sites* da própria IES, inferimos um posicionamento até estratégico das universidades em relação aos resultados. Os resultados eram publicados, em sua maioria, seguidos de um comentário de alguma autoridade acadêmica da universidade, e é, sobretudo, nessas falas que a instituição fazia sua crítica, contrapondo excelência e diminuição do orçamento público destinado à educação superior.

Sem sutileza, a voz institucional que ecoava a cada notícia era a de que a UFRJ, a UFRGS e a UFSC, bem como uma série de outras universidades, são sim instituições de excelência no Brasil, resultado de anos de dedicação à pesquisa, ensino e extensão, mas que não sabem até quando, diante do orçamento reduzido que recebem no contexto histórico presente, permanecerão como referência.

Ascender de posição nos *rankings* até nos equipararmos às instituições norte-americanas ou europeias seria uma utopia e sequer aparece como meta institucional, mesmo porque é sabido que os indicadores cobrados beneficiam outros países, que não os latinos. Todavia, manter-se na posição em que se está ou gradativamente melhorar em quesitos que beneficiarão necessariamente a instituição e que podem acarretar pequenos saltos é algo possível e almejado.

Contraditoriamente, vivemos tempos em que a ciência e a tecnologia são tidas como poder e engrenagem para a economia, não havendo, porém, planeja-

mento para realizar investimentos que promovam mais rentabilidade no futuro. As universidades claramente poderão manter e aumentar a excelência quando tiverem mais orçamento.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIC RANKING OF WORLD UNIVERSITIES. *ARWU 2018*: metodologia. ShanghaiRanking, 2018. Disponível em: <http://www.shanghaiRanking.com/ARWU-Methodology-2018.html>. Acesso em: 10 jan. 2019.
- AFONSO, A. J. Mudanças no Estado avaliador: comparativismo internacional e teoria da modernização revisitada. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 53, p. 267-284, abr./jun. 2013. DOI: 10.1590/S1413-24782013000200002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782013000200002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 22 jan. 2020.
- BALL, S. J. Performatividade, privatização e o pós-estado do bem-estar. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1105-1126, 2004. DOI: 10.1590/S0101-73302004000400002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302004000400002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 26 jan. 2020.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- BARREYRO, G. B. A avaliação da educação superior em escala global: da acreditação aos rankings e os resultados de aprendizagem. *Avaliação*, Campinas, n. 23, n. 1, p. 1099-1120, 2018. DOI: 10.1590/s1414-40772018000100002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1414-40772018000100005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 jan. 2020.
- CALDERÓN, A, I; LOURENÇO, H. da S. Rankings na educação superior brasileira: uma aproximação aos rankings públicos e privados. *Revista de Estudos Aplicados em Educação*, v. 2, n. 3, p. 89-103, jan./jun. 2017.
- CONEXÃO UFRJ. *Ranking mantém UFRJ entre as melhores universidades do mundo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018a. Disponível em: <https://ufrj.br/noticia/2018/09/28/ranking-mantem-ufrj-entre-melhores-universidades-do-mundo>. Acesso em: 21 fev. 2020.
- CONEXÃO UFRJ. *Resposta ao Jornal O Globo*: editorial utiliza dados errados para criticar a universidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018b. Disponível em: <https://ufrj.br/noticia/2018/09/19/resposta-ao-jornal-o-globo>. Acesso em: 21 fev. 2020.
- CONEXÃO UFRJ. *UFRJ se mantém entre as melhores universidades do mundo*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019. Disponível em: <https://ufrj.br/noticia/2019/06/24/ufrj-se-mantem-entre-melhores-universidades-do-mundo>. Acesso em: 21 fev. 2020.
- DALE, R. A sociologia da educação e o Estado após a globalização. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1099-1120, 2010. DOI: 10.1590/S0101-73302010000400003. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000400003. Acesso em: 12 jan. 2020.

- FAUSTO, S.; CALERO-MEDINA, C.; NOYONS, E. O “Ranking Brasileiro de Pesquisa” e os princípios de Berlim para rankings de instituições de ensino superior. *Future Studies Research Journal*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 211-236, 2016. DOI: 10.24023/FutureJournal/2175-5825/2016.v8i2.239. Disponível em: <https://revistafuture.org/FSRJ/article/view/239>. Acesso em: 14 jan. 2020.
- FINARDI, K. R; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. *Estudos em Avaliação Educacional*, São Paulo, v. 28, n. 68, p. 600-626, 2017. DOI: 10.18222/ea.v28i68.4564. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/ea/article/view/4564>. Acesso em: 30 jan. 2020.
- LAUS, S. P.; MAGRO, D. Os rankings acadêmicos internacionais: gênese e relevância. In: COLOQUIO DE GESTIÓN UNIVERSITARIA EN AMÉRICAS, 13., 2013, Santa Catarina. *Anais [...]*. Santa Catarina: UFSC, 2013. p. 1-11.
- LEAL, F. G.; STALLIVIERI, L.; MORAES, M. C. B. Indicadores de internacionalização: o que os rankings acadêmicos medem? *Revista Internacional de Educação Superior*, Campinas, v. 4, n. 1, p. 52-73, 2018. DOI: 10.22348/riesup.v4i1.8650638. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/riesup/article/view/8650638>. Acesso em: 22 fev. 2020.
- LOURENÇO, H da S.; CALDERÓN, A. I. Rankings acadêmicos na educação superior: mapeamento da sua expansão no espaço ibero-americano. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 37, n. 2, p. 187-197, 2015. DOI: 10.4025/actascieduc.v37i2.23394. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/23394>. Acesso em: 26 fev. 2020.
- NOTÍCIAS DA UFSC. *UFSC ascende em ranking internacional de universidades e figura entre as 7 melhores do país*. Santa Catarina: UFSC, 2019a. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2019/09/ufsc-ascende-em-ranking-internacional-de-universidades-e-figura-entre-as-7-melhores-do-pais/#more-199600>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- NOTÍCIAS DA UFSC. *UFSC é universidade brasileira mais citada em trabalhos acadêmicos, aponta ranking internacional*. Santa Catarina: UFSC, 2019b. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2019/09/ufsc-e-universidade-brasileira-mais-citada-em-trabalhos-academicos-aponta-ranking-internacional/>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- NOTÍCIAS DA UFSC. *UFSC se mantém no ranking internacional de universidades e figura entre as 7 melhores do país*. Santa Catarina: UFSC, 2018. Disponível em: <https://noticias.ufsc.br/2018/09/ufsc-se-mantem-no-ranking-das-mil-universidades-mais-bem-conceituadas-do-mundo/>. Acesso em: 23 jan. 2020.
- QS WORLD UNIVERSITY RANKINGS. *Methodology*. Topuniversities, 2018. Disponível em: <https://www.topuniversities.com/qs-world-university-rankings/methodology>. Acesso em: 13 jun. 2020.
- RIGHETTI, S. Quando a sociedade é quem avalia: a experiência do ranking universitário folha e os indicadores de ensino superior. *Com Ciência*, 13 mar. 2015. Disponível em: <https://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=111&id=1331>. Acesso em: 12 jan. 2020.

SADLAK, J. Validity of University Ranking and its ascending impact in higher education in Europe. *Office on Science and technology*, Whashington-DC, v. 12, 2006.

SCHWARTZMAN, S. A Universidade de São Paulo e a questão universitária no Brasil. In: STEINER, J. E; MALNIC, G. (org.). *Ensino superior: conceito e dinâmica*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006, p. 25-40.

TAVARES, P. D. V. B; PAES; C. C. S. A divulgação de um ranking acadêmico-científico internacional e suas implicações em âmbito nacional. In: CONGRESSO DE PESQUISA E EXTENSÃO, 9., 2016, Barbacena. *Anais [...]*. Barbacena: UEMG, 2016. p. 1-15.

TIMES HIGHER EDUCATION. *World University Rankings 2019: methodology*. Times Higher Education (THE), 7 set. 2018. Disponível em: <https://www.timeshighereducation.com/world-university-rankings/methodology-world-university-rankings-2019>. Acesso em: 23 fev. 2020.

UFRGS NOTÍCIAS. *Integrantes do GT-Ranking tomam posse*. Porto Alegre: UFRGS, 2019a. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/integrantes-do-gt-ranking-tomam-posse>. Acesso em: 23 jan. 2020.

UFRGS NOTÍCIAS. *Ranking aponta UFRGS entre as 10 melhores universidades da América Latina*. Porto Alegre: UFRGS, 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ranking-aponta-ufrgs-entre-as-10-melhores-universidades-da-america-latina>. Acesso em: 23 jan. 2020.

UFRGS NOTÍCIAS. *Ranking mundial coloca a UFRGS entre 700 melhores universidades do mundo*. Porto Alegre: UFRGS, 2019b. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ranking-mundial-coloca-a-ufrgs-entre-700-melhores-universidades-do-mundo>. Acesso em: 23 jan. 2020.

UFRGS NOTÍCIAS. *UFRGS melhora posição em ranking de países emergentes*. Porto Alegre: UFRGS, 2019c. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-melhora-posicao-em-ranking-de-paises-emergentes>. Acesso em: 23 fev. 2020.

UFRGS NOTÍCIAS. *UFRGS se destaca entre as universidades brasileiras no ranking Times Higher Education*. Porto Alegre: UFRGS, 2019d. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-se-destaca-entre-as-universidades-brasileiras-no-ranking-times-higher-education>. Acesso em: 23 jun. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA. *Relatório de autoavaliação institucional 2016*. Florianópolis: UFSC, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Relatório de autoavaliação institucional 2016*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Relatório de autoavaliação institucional 2017*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. *Relatório de autoavaliação institucional 2018*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório de autoavaliação institucional 2016*. Porto Alegre: UFRGS, 2017.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório de autoavaliação institucional 2017*. Porto Alegre: UFRGS, 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Relatório de autoavaliação institucional 2018*. Porto Alegre: UFRGS, 2019.

VALMORBIDA, S. M.; ENSSLIN, S. R.; ENSSLIN, L. RIPOLL-FELIU, V. M. Rankings universitários mundiais: que dizem os estudos internacionais? *REICE*, Madrid, v. 14, n. 2, p. 5-29, 2016. DOI: 10.15366/reice2016.14.2.001. Disponível em: <https://revistas.uam.es/reice/article/view/2744>. Acesso em: 4 fev. 2020.

VAVRUS, F.; PEKOL, A. Critical internationalization: moving from theory to practice. *FIRE: Forum for International Research in Education*, Bethlehem, v. 2, n. 2, p. 5-21, 2015. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/e975/5f822a69357835f7cb6adea45c2f308ea92f.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.

VIEIRA, R. C.; LIMA, M. C. A busca pelo selo “universidade classe do mundo” e os rankings acadêmicos globais pioneiros. *Interfaces Brasil/Canadá*, Canoas, v. 16, n. 1, p. 97-116, 2016. DOI: 10.15210/interfaces.v16i1.7704. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7704>. Acesso em: 23 fev. 2020.

Recebido em: 16 mar. 2020

Aceito em: 11 jul. 2020